

O DESENHO ESPONTÂNEO E A CRIANÇA MAPEADORA – O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES ESPACIAIS NA CRIANÇA DE 10-11 ANOS

SANDRA TEREZINHA MALYSZ

Geógrafa e professora do Ensino Fundamental e Médio.
stmalysz@bol.com.br

ELZA YASUKO PASSINI

Departamento de Geografia – Universidade Estadual de Maringá
elzayp@wnet.com.br

ABSTRACT

This work has objective to analyse children's ability of to do map of initial series (10-11 years old), expressed in spontaneous drawing of their vivid descriptions spaces and to appreciate them for to do a work more effective with the notions of the space and their cartographic representation, starting of childhood imaginary and spaces relations constructed.

Key words: child, draw, cartographic representation

1. INTRODUÇÃO

A habilidade de desenhar e portanto de representar o espaço através de registros gráficos constrói-se na criança à medida que esta desenvolve a habilidade motora e amplia a percepção do meio em que vive. Para que a criança realize o trabalho de leitura, análise e interpretação das informações contidas em um mapa, é fundamental que ela antes já tenha sido a mapeadora, pois com este trabalho a capacidade de abstração e sistematização das informações ampliam-se. O professor de Geografia tem papel importante neste trabalho, possibilitando situações para que os alunos avancem em suas representações. O desenho espontâneo realizado pela criança é um dos pontos de partida para investigação e avaliação pelo professor do estágio de desenvolvimento espacial de seus alunos, para a partir dos resultados obtidos, propor novas situações de aprendizagem. Quando a criança representa o espaço vivido em registros gráficos de forma espontânea, ela mesma começa a comparar o desenho que fez com o espaço representado e aprimora com o tempo a sua representação.

2. METODOLOGIA

Considerou-se para a realização deste trabalho a obra de Piaget e Inhelder, onde há um resgate da classificação dos desenhos espontâneos da criança elaborada por Luquet.

Trabalhou-se com desenhos espontâneos representando o próprio espaço de vivência da criança e com situações problematizadoras, nas aulas de Geografia, em classes da 5ª série do Ensino Fundamental⁹. Foi pedido para que as crianças:

- Demonstrassem em desenhos, como é o espaço do bairro que moram ou um pedaço dele para que os colegas e a professora também o conheçam, usando o espaço da folha de sulfite.

⁹ Trabalho realizado com as crianças da 5ª série do Ensino Fundamental do Colégio Estadual "Vital Brasil" – escola da rede pública em Maringá.

- Demonstrassem em desenhos, como é uma parte do espaço do colégio ou todo, para que os familiares dos mesmos conheçam melhor a escola (as crianças tiveram liberdade de escolher o lugar que quisessem e ir até ele para fazer o seu desenho que seria mostrado para os familiares).

- Demonstrassem com desenhos, um trajeto que fazem sempre, como o de casa para à escola, igreja, casa dos avós, mercado, etc., desde que este espaço compreenda duas quadras ou mais.

Tais atividades foram realizadas em três momentos diferentes, após uma grande exploração oral das características dos lugares representados de maneira geral. Foi discutido com as crianças, possibilidades de se usar diversos pontos de vista. Antes do desenho do trajeto casa/escola, as crianças tiveram contatos com vários tipos de representação do espaço. Os desenhos foram expostos em mural na sala de aula e às crianças puderam conversar com os colegas sobre o que representaram. Através da análise avaliativa do trabalho dos alunos, o professor pode observar os diferentes estágios de desenvolvimento e de construção das relações espaciais, passando então a sistematizar novos passos para o melhoramento das mesmas, tanto a nível de linguagem cartográfica, quanto ao conteúdo geográfico.

3. PRODUÇÃO DAS CRIANÇAS - ALGUNS EXEMPLOS



Figura 1A - Juliana

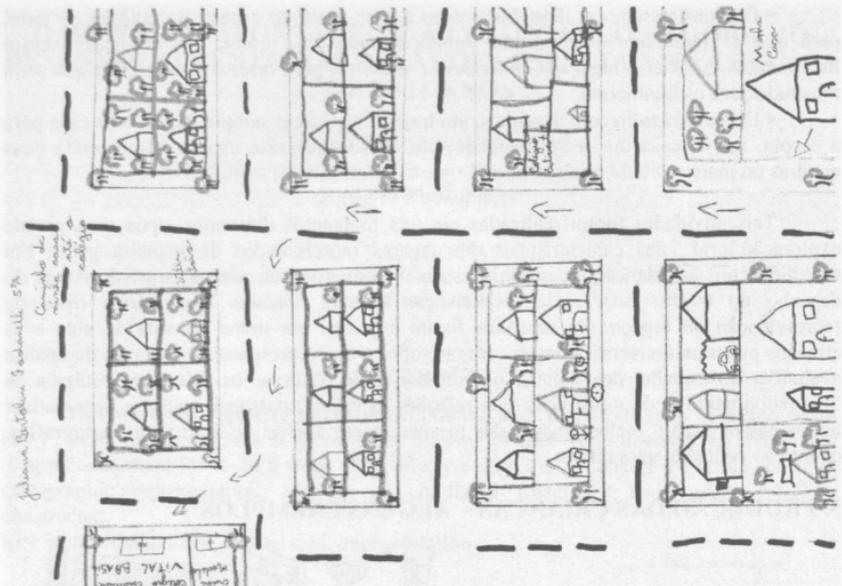


Figura 2A - Juliana

JULIANA B. : O desenho de seu bairro (fig. 1A) apresenta riqueza de informações, utiliza escala grande em relação aos outros desenhos, verifica-se que as relações espaciais projetivas e euclidianas estão com desenvolvimento em processo lento. Demonstra alguns cuidados com as proporções, medidas e distâncias. O caminhão da Kibom sendo gigante em relação às casa e ao outro carro (que também está em tamanho desproporcional), mostra a representação de seu imaginário. Preocupou-se com a legenda para demonstrar elementos que ficou com dúvida quanto ao entendimento (torre e o “guarda-chuva” da SANEPAR). A noção de perspectiva começa a aparecer sendo observada no refeitório da SANEPAR e no prédio da rua Afonso Pena. No desenho que faz posteriormente do trajeto casa/escola (fig. 2A), já demonstra um maior desenvolvimento das relações espaciais projetivas e euclidianas. Há mais proporcionalidade entre o tamanho dos elementos dos desenhos uns em relação aos outros e menos confusão quanto a posição dos mesmos, porém ainda há confusão em relação ao ponto de vista, quando mistura a visão frontal com a vertical.

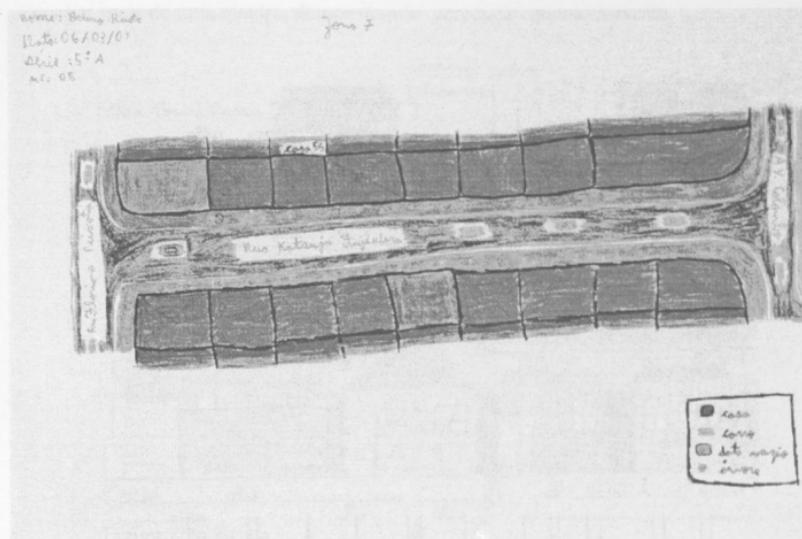


Figura 3B - Bruno

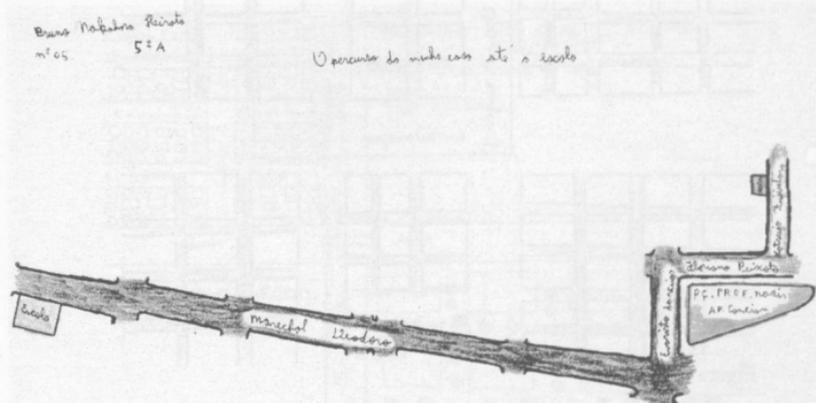


Figura 4B - Bruno

BRUNO N. H.: O desenho de seu bairro (fig.3B) se assemelha a uma planta. Faz o desenho considerando a visão vertical. Utiliza legenda e símbolos. Há certa coerência entre o tamanho e entre as distâncias dos elementos do desenho, porém reduz o tamanho das casas ao tamanho das quadras. Utiliza a planta urbana de Maringá, que consta na lista telefônica como fonte para fazer o trajeto casa/escola (fig. 4B) e destaca alguns pontos de referência nesta representação. É interessante observar que esta iniciativa partiu dele.



Figura 5C - Leticia

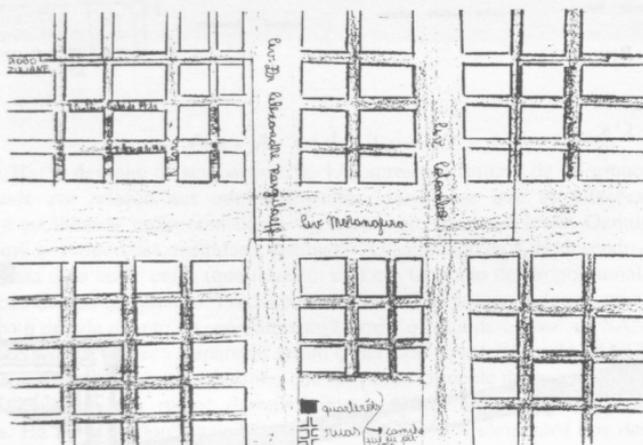


Figura 6C - Leticia

LETÍCIA C. C.: Faz o desenho de seu bairro (fig. 5C) considerando a visão frontal, apresenta cuidado com as perspectivas, com as proporções e as distâncias dos elementos uns em relação aos outros e com a escala, já demonstrando o aprimoramento das relações espaciais projetivas e euclidianas. A observação e o registro em desenho do seu espaço de vivência ajudam no desenvolvimento da decentração, verificado principalmente no desenho do trajeto casa/escola (fig. 6C) que se assemelha a uma planta. Há uma preocupação com a leitura que o outro fará do desenho, quando usa a legenda para decodificar os símbolos utilizados. Considerando a forma como representou as quadras, a leitura de mapas para esta criança já é bem significativa. Questionada pela professora

uma abstração maior, que demonstra estar na fase do realismo visual. Utiliza a visão vertical, símbolos e legenda e o espaço do papel de forma proporcional.



Figura 9 E – Eloisa

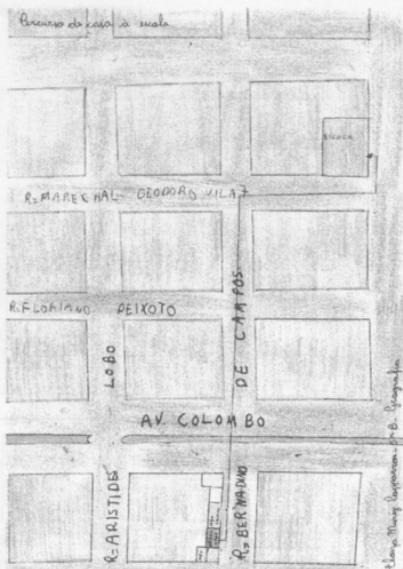


Figura 10 E – Eloisa

ELOISA M.: Já no primeiro desenho, o desenho do seu bairro (9E), faz a representação com a visão vertical, semelhante a uma planta, destacando os elementos que julgou mais importante para a orientação do leitor. Ao representar o trajeto casa/escola (10E), muda a posição do desenho, porém conserva os elementos. Há pouca evolução de uma representação para outra.

RESULTADOS/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações que as crianças fizeram do espaço de vivência trazem algumas confirmações do desenvolvimento da criança em relação aos estágios do desenho como propõe Luquet: passagem do realismo intelectual para o visual, confusão de pontos de vista, avanços na organização dos símbolos.

Houve construção de relações espaciais projetivas e topológicas que avançaram no decorrer do trabalho, na maioria das crianças. Algumas crianças já apresentaram no primeiro desenho, características próprias da fase do realismo visual, demonstrando cuidado com as perspectivas, proporções, medidas e distâncias (espaço projetivo e euclidiano). Outras apresentaram nos desenhos que fizeram características que demonstram ainda estarem passando da fase do realismo intelectual para o realismo visual, apresentando confusão de ponto de vista, mostrando incoerência nas perspectivas e distâncias, principalmente na primeira representação, onde houve predominância da visão frontal ou a mistura da visão frontal com a visão vertical (as relações projetivas estão em construção). A descentração foi aprimorada no decorrer do trabalho.

A construção coletiva e interpretação dos desenhos dos colegas e o manuseio de diferentes tipos de mapas, de fotografias e de maquetes, ajudaram as crianças a avançarem em suas representações, pois crianças com mesma idade, apresentam estágios diferentes de desenvolvimento

As crianças percebem, através da observação de seu desenho e do desenho dos colegas, as diferentes representações do espaço e a necessidade de melhorarem sua forma de representar para serem entendidas pelos outros, passando das representações particulares para as representações socializáveis. Esta atividade possibilitou uma grande discussão sobre a ação modificadora do homem no espaço, os elementos naturais e culturais presente no mesmo e sobre os elementos necessários à comunicação cartográfica, como: título, legenda, simbologia, escala, etc. Os diferentes estágios de desenvolvimento das representações espaciais da criança da mesma idade, nos remete à importância de se considerar os conhecimentos prévios e a vivência da criança para o desenvolvimento de etapas seguintes.

Para que tanto individualmente como coletivamente haja avanços, posteriormente serão trabalhadas outras representações, articulando a bidimensionalidade e a tridimensionalidade, com a utilização de maquetes e plantas de forma paralela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de Almeida, PASSINI, Elza Yasuko. O Espaço Geográfico – Repensando o Ensino: A Importância da Leitura de Mapas; O Domínio Espacial no Contexto Escolar; Propostas de Atividades. Editora; Ensino e Contexto. São Paulo – SP, 2000.
- FRANCISCHEH, Mafalda Nesi. A Geografia no ensino de Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano. Editora Grafite. Francisco Beltrão – PR, 1997.
- PASSINI, Elza Yasuko, ALMEIDA; Rosângela Doin de Almeida; MARTINELLI, Marcelo. A Cartografia para Crianças: Alfabetização, Educação ou iniciação Cartográfica. Boletim de Geografia – DGE/UEM – Ano 17, Nº 1, 1999.
- PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização Cartográfica. Editora Lê. Belo horizonte, 1994.
- PIAGET, Jean. ; INHELDER, Barbel. A Representação do Espaço na Criança. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1993.
- SIMIELLI, Maria Elena. Entender e Construir Mapas para Crianças. Colóquio de Cartografia para Crianças – Anais Proceedings. Laboratório de Ensino – Departamento de Educação/ Instituto de Biociências/UNESP. Laboratório de Ensino e Material Didático – DGE/FFLH/USP, 1995.

A REPRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO DA TERRA POR ALUNOS DA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

REGINA HELENA TUNES
Pós-graduanda FFLCH/USP
Professora de Geografia Liceu Santista

Esse trabalho visa discutir a representação gráfica da formação da Terra feita por alunos da 5ª série do ensino fundamental como uma importante forma de apreensão de conceitos ligados ao ensino Geografia. O desenho, ou a representação gráfica, constitui-se num importante instrumento para a aquisição de conceitos abstratos, pois estimula o aluno a criar símbolos e códigos próprios para a sua representação, aproximando desta forma o conceito geográfico à realidade do aluno. Desta forma, o trabalho encaminhou-se para a representação em forma de uma história em quadrinhos, onde foram desenhados, conforme os valores e pré-conceitos de cada aluno, a forma como eles vêem esse processo,